

A NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO DO BRASIL: uma proposta de periodização histórica

SPORTS NARRATION ON RADIO IN BRAZIL: a proposal for historical periodization

Ciro Augusto Francisoni GÖTZ¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Resumo

O seguinte trabalho tem como objetivo propor uma linha do tempo para a narração esportiva no rádio do Brasil, dividida nos períodos Desbravador, Paradigmático e Contemporâneo. Buscou-se relacionar essas etapas ao modelo de periodização do meio no país, elaborada por Ferraretto (2012). Este artigo fundamenta-se na economia política da comunicação, através de Mosco (1996), e metodologicamente por Heller (1997), na busca de cortes ou pontos de rupturas históricos. Trata-se de estudo com caráter qualitativo, descritivo e analítico, associado às modalidades de pesquisa documental, que consultou fontes primárias e secundárias, obras relevantes à locução esportiva, documentos e periódicos.

Palavras-chave

Rádio; História; Narração Esportiva; Periodização; Economia Política da Comunicação

Abstract

The following work aims to propose a timeline for sports narration on radio in Brazil, divided into three periods: Pathfinders, Paradigmatics and Contemporary. We sought to relate these stages to the model of periodization of the media in the country, developed by Ferraretto (2012). This article is based on the political economy of communication, through Mosco (1996), and methodologically by Heller (1997), in the search for historical cuts or rupture points. This is a qualitative, descriptive and analytical study, associated with the modalities of documentary research, which consulted primary and secondary sources, works relevant to sports speech, documents and newspapers.

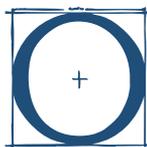
Keywords

Radio; History; Sports Narration; Periodization; Political Economy of Communication.

RECEBIDO EM 10 DE MARÇO DE 2020
ACEITO EM 18 DE MAIO DE 2020

¹ JORNALISTA pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutorando e mestre (2015) em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Contato: cirogotz@gmail.com.

Introdução



O seguinte artigo² tem como objetivo apresentar uma proposta de periodização histórica para a narração esportiva no rádio do Brasil. Pretende-se adaptar e aplicar, no âmbito nacional, a articulação de linha do tempo que resultou na dissertação *Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* (GÖTZ, 2015), a qual divide a trajetória da locução da capital gaúcha em três fases: *desbravadora, paradigmática e contemporânea*.

Buscou-se relacionar essas etapas ao modelo de periodização da história do rádio no Brasil, elaborada por Ferraretto (2012), que se fundamentou pela economia política da comunicação, através de Mosco (1996), Bolaño (1988) e Brittos (1999/2002), e na cronologia radiofônica conforme Ortriwano (1985), Federico (1982) e Moreira (1991). Ferraretto ampara-se metodologicamente em Heller (1997), no sentido de procurar cortes ou pontos de ruptura. Leva-se em conta, também, o emprego posterior da proposição à história do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre, formulado por Guimarães e Ferraretto (2018).

Este é um trabalho de caráter qualitativo, descritivo e analítico, associado às modalidades de pesquisa documental (MOREIRA, 2011) e bibliográfica (STUMPF, 2011). Através de fontes primárias e secundárias, foram consultadas obras relevantes à locução esportiva, documentos e periódicos. O estudo foi desenvolvido da seguinte forma: *Proposta de periodização: narração esportiva no rádio brasileiro; período desbravador; período paradigmático e período contemporâneo*. Ao final, são manifestadas as considerações.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Proposta de periodização: narração esportiva no rádio brasileiro

Conforme Ferraretto (2012), a economia política da comunicação ampara consideravelmente a abordagem da história, especialmente no espectro das rádios comerciais, levando em conta a dinâmica capitalista. Por outro lado, o autor ressalta a importância de se observar as particularidades intrínsecas às emissoras comunitárias, educativas, estatais e públicas. Para compreender as transformações quanto à forma, conteúdo e influências tecnológicas no âmbito do rádio, Ferraretto (2012) recorre a alguns conceitos considerados fundamentais sob o viés da economia política, de acordo com Mosco (1996):

(1) a priorização da mudança social e da transformação histórica, que, para os teóricos marxistas, passa, necessariamente, por um exame da dinâmica do sistema capitalista; (2) a tentativa de compreender a totalidade social, ou seja, a identificação de elos dos campos econômico e político com o amplo entorno cultural e social, sendo, portanto, básica a ideia da observação do objeto de estudo em um contexto mais abrangente; (3) a inclusão de uma perspectiva em que se destaca uma espécie de filosofia moral, objetivando explicitar posições éticas a respeito de práticas econômicas e políticas, muitas vezes mascaradas pelos interesses nelas envolvidos; e (4) a abordagem considerando a questão da práxis, ou seja, a relação que se estabelece entre o ser humano, produzindo e transformando o mundo e a si mesmo, e o seu entorno (MOSCO, 1996, p. 27-38).

Na aplicação desses conceitos, por exemplo, em proposta de periodização do comentário esportivo em Porto Alegre, Ferraretto e Guimarães (2018, p. 179) compreendem que o “item (1) acaba sendo priorizado, com os demais amparando a análise e a contextualização da reflexão encetada”. Entende-se que essa configuração também se aplica a este artigo sobre a narração. Ferraretto (2012) indica, ainda, que a periodização do rádio no Brasil complementa a proposta anterior de Bolaños “baseada na sucessão de ciclos de hegemonia e voltada à análise histórico-econômica da televisão brasileira” (FERRARETTO, 2012, p. 3), ajustada à reflexão radiofônica.

Ainda quanto à economia política da comunicação, os autores recorrem à reflexão de Brittos (2002) sob o aspecto da lógica da multiplicidade da oferta, que diz respeito às formas vigentes de comercialização, produção e consumo em tempos de convergência. Atualmente, além das tradicionais emissoras hertzianas, os narradores encontram espaço em plataformas digitais como as *web* rádios e podem ser acompanhados pelos ouvintes/torcedores desde computadores e celulares, o que Kischinhevsky (2008) já havia determinado de *cultura da portabilidade*.

Metodologicamente, Ferraretto (2012) e Guimarães e Ferraretto (2018) seguem as orientações de Heller (1997). Em um processo de periodização, é necessário que sejam identificados os cortes, ou pontos de ruptura, para compreender quais foram os fatores decisivos que produziram acontecimentos passados e futuros. O corte, segundo Heller, compreende a descontinuidade na continuidade e "é o princípio organizativo de toda obra historiográfica e, conseqüentemente, uma ideia universalmente constitutiva da historiografia" (HELLER, 1997, p. 130).

Ferraretto (2012) identifica três pontos de corte que definem a proposta de organização histórica do rádio brasileiro. *(1) a regulamentação da publicidade; (2) a televisão, a transistorização dos receptores e a frequência modulada; (3) a telefonia móvel, a internet comercial e as tecnologias e práticas a elas relacionadas*. A partir desses pontos de ruptura, o autor divide a história em quatro fases:

(1) fase de implantação, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930; (2) fase de difusão, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960; (3) fase de segmentação, do final da década de 1950 até o início do século 21; e (4) fase de convergência, de meados da década de 1990 até a atualidade (FERRARETTO, 2012, p. 6).

Para Guimarães e Ferraretto (2018, p. 181), nessas fases históricas, alguns períodos são sobrepostos, já "que o processo que determina um ponto de corte é dinâmico e que não há uma ruptura total da fase anterior até a nova

fase se tornar hegemônica”. No caso da proposta de periodização do comentário esportivo em Porto Alegre, os autores consideraram como pontos de ruptura eventos relacionados à tecnologia: “(1) a popularização dos receptores transistorizados; (2) o televisionamento dos jogos; (3) a internet e, entre outras consequências dela, as redes sociais” (GUIMARÃES e FERRARETTO, 2018, p. 181). Por consequência, definiram a linha do tempo em três fases:

(1) da crônica esportiva, do início da década de 1950 até o início de 1970; (2) do jornalismo esportivo, de meados dos anos 1960 até o início do século 21; e (3) do jornalismo esportivo convergente, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade” (GUIMARÃES e FERRARETTO, 2018, p. 181).

Quanto à narração esportiva porto-alegrense, diferentemente de Guimarães e Ferraretto, Götz (2015) dividiu as fases diante de acontecimentos históricos considerados marcantes e bem definidos. O período desbravador teve como ponto de partida a narração protagonizada por Ernani Ruschel da vitória do Grêmio sobre a Seleção do Paraná por 3 a 1, segundo Ferraretto (2002), Dalpiaz (2002) e Duval (2012), ocorrida dia 19 de novembro de 1931, pela Rádio Sociedade Gaúcha, do Estádio da Baixada.

Já o período paradigmático começou em 1958, a partir da cobertura da Rádio Guaíba da Copa do Mundo da Suécia, com uma equipe formada totalmente por profissionais gaúchos.

E, por fim, o período contemporâneo, que segue vigente (GÖTZ, 2015), foi marcado por uma movimentação de mercado que gerou grande impacto no meio radiofônico do estado, no momento que o narrador Armindo Antônio Ranzolin, em 1984, transferiu-se da Rádio Guaíba para a Rádio Gaúcha, um dos vários determinantes da condição de liderança da emissora pertencente à Rede Brasil Sul (RBS) até a atualidade.

Compreende-se, contudo, que, no âmbito do rádio brasileiro, os processos de ruptura também são completamente dinâmicos e as fases históricas não poderiam ser divididas conforme etapas totalmente fixas, principalmente, após o advento do rádio comercial. Buscou-se, então,

relacionar e aplicar os períodos *Desbravador*, *Paradigmático* e *Contemporâneo* à linha do tempo desenvolvida por Ferraretto (2012). O próprio autor (2012, p. 21) pondera, “no entanto, que a ideia de predominância, por lógica, não significa a exclusão de outros posicionamentos”. Ferraretto (2012, p. 21) já chamava atenção, por exemplo, para o desenvolvimento associativo das *web* rádios, “juntando novos entusiastas cotizados para cobrir os custos envolvidos e voltados à produção de conteúdos hipersegmentados”.

A periodização da narração esportiva no rádio do Brasil proposta neste artigo, parte de contextualização sobre o surgimento dos primeiros narradores e a forma como aconteciam as pioneiras transmissões. Para este estudo, consideram-se os três pontos de ruptura anteriormente identificados por Ferraretto (2012). A linha, portanto, é dividida em: *Período Desbravador*, de meados dos anos 1920 até o final da década de 1950; *Período Paradigmático*, dos anos 1960 até meados de 1990; e *Período Contemporâneo*, do final do século 20 até a atualidade.

Período Desbravador

Persiste, todavia, a indefinição sobre o verdadeiro pioneiro da narração esportiva no Brasil. Soares (1994, p. 22) garante que a trajetória iniciou no dia 19 de julho de 1931, quando Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista, transmitiu, de forma integral, a vitória de São Paulo sobre Paraná por 6 a 4, em duelo válido pelo Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Contudo, Mostaro e Kischinhevsky (2016) apontam que Amador Santos, em 1925, pela Rádio Clube do Rio de Janeiro, foi o primeiro a transmitir uma partida de futebol. Segundo os autores, em certa ocasião, Santos foi impedido de narrar um clássico entre Fluminense e Flamengo, nas Laranjeiras, e, para contornar a situação, atuou desde um galinheiro, próximo ao campo. O episódio foi retratado em composição de Lamartine Babo, intitulada *As cinco estações*. Caymmi (2010) explica que a música foi composta por Babo em 1933. E foi nesse ano que, exprime Soares (1994, p. 19), “o radialista Roberto Feijó, do

departamento de esportes da Rádio Globo do Rio de Janeiro, esclareceu em uma entrevista à autora que Amador Santos começou a narrar futebol”. Quanto a Amador Santos, há ainda mais divergências. Para Cabral (2016), o locutor lançou a narração no Brasil em 1930. Federico (1982) também aponta para o pioneirismo de Santos.

Para Calabre (2004), por outro lado, a Rádio Educadora Paulista, de fato, inaugurou as transmissões esportivas, mas, em 1927. A autora afirma que a emissora teria realizado a irradiação de um duelo pelo Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, naquele ano, desde o Rio de Janeiro, entre cariocas e paulistas. Teriam sido instalados alto-falantes em pontos estratégicos de São Paulo, como em frente à sede do Jornal A Gazeta. Na edição do dia 12 de novembro, o jornal anunciou a realização de serviço especial, no qual o chefe da seção de esportes, Leopoldo Sant’Anna, por telefone, informaria sobre os detalhes do confronto, mas sem fazer menção à rádio.

Em 1931, como já citado, em Porto Alegre, Ernani Ruschel foi o responsável pela primeira transmissão gaúcha. Com desconhecimento sobre o futebol, recebeu o auxílio de Ary Lund, que lhe soprou os nomes dos jogadores durante a partida. Também neste ano, o “primeiro locutor” do Brasil, Abílio de Castro, pela Rádio Clube do Recife, a emissora mais antiga do país, fundada em 1919, foi o pioneiro nas transmissões pela região norte/nordeste. Só não narrou a vitória de Seleção de Pernambuco sobre a Paraíba, por 6 a 2, de forma integral, porque teria sido expulso do campo de jogo por dirigentes do Sport, de acordo com Phaelante (1998). Contudo, em pesquisa no Jornal do Recife, foi confirmado que a partida aconteceu no dia 12 de julho de 1931, no campo da Jaqueira, estádio do América, e não na sede do Sport, por alteração do mando de jogo, em concordância com a Confederação Brasileira de Desportos. Impossibilitado de trabalhar, Castro recorreu ao amigo Edgar Altino, o qual permitiu que ele pudesse narrar da varanda de sua casa, próxima ao local. Ana Altino (2020), neta de Edgar Altino, confirmou que a residência

existe até hoje, onde está instalada a sede do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Castro, sendo assim, narrou antes mesmo do que Tuma.

Segundo Mostaro e Kischinhevsky (2016), de uma forma geral, no princípio, as informações esportivas eram apresentadas durante os intervalos dos jogos, trazendo os fatos mais importantes, antes da consolidação do formato de transmissões integrais. De acordo com Guerra (2006), Nicolau Tuma, o *speaker* metralhadora, com um estilo rápido, sem figuras de linguagem, com uma narração objetiva nos lances, e Amador Santos, que transmitia de uma forma sóbria (MURCE, 1976), formaram as primeiras escolas de narração.

Se na região Sudeste, enquanto Tuma, por São Paulo, e Santos, pelo Rio de Janeiro, foram os primeiros protagonistas, em Minas Gerais, Álvaro Celso da Trindade, conhecido como Babaró, por sua vez, é considerado o primeiro narrador de futebol mineiro, pela Rádio Guarani, em 1937. Além de Abílio de Castro, no Recife, há que se destacar outros pioneiros nordestinos. Levando em conta Cadena (2010), foi no início dos anos 1930 que a narração iniciou na Bahia, com Roberto Machado Freitas e Ubaldo Cândia de Carvalho. Haroldo Miranda, por sua vez, teria realizado a primeira transmissão alagoana, em 1940, ilustram Ramires e Ferro (2012). No Pará, região norte, Saint Clair Passarinho é considerado o primeiro narrador, pela Rádio Clube, em meados dos anos 1940. Já em Goiás, a primeira transmissão aconteceu no dia 28 de fevereiro de 1943. Iamerô e Luiz Carlos irradiaram o amistoso entre Goiânia e Anápolis, pela Rádio Clube de Goiânia.

Conforme Soares (1994), a primeira escola de São Paulo teve como principais representantes, além de Nicolau Tuma, Rebello Júnior, Pedro Luiz e, atualmente, José Silvério. Em 1934, destaca Soares, novas emissoras entraram no ar, aumentando a concorrência e o mercado, como as rádios São Paulo, Cultura, Cosmos, Difusora e Excelsior. Em 1937, Tupi e Bandeirantes acirraram a disputa. Em 1940, aconteceu uma mudança significativa para a narração

Paulistana, no que diz respeito à estrutura de trabalho. Com a inauguração do Estádio do Pacaembu, no dia 27 de abril de 1940, pela primeira vez, todas as emissoras teriam espaço para irradiar. Antes disso, havia um monopólio das transmissões, sobretudo pelas Organizações Byington. Naquele tempo, Cruzeiro do Sul e Cosmos, de acordo com Soares, possuíam cabines privadas em estádios como o Parque Antártica, do Palmeiras, e Parque São Jorge, do Corinthians e não era permitido o acesso a outras rádios. Com o Pacaembu, o quadro foi modificado. Em Porto Alegre, em contrapartida, informa Dalpiaz (2002), apenas em 1954, com a inauguração do Estádio Olímpico, as rádios passaram a contar com cabines.

No Rio de Janeiro, Ary Barroso, expõe Tavares (2014), iniciou sua história como locutor esportivo pela Rádio Cruzeiro do Sul, em 1936. Barroso narrou o empate entre Flamengo e Fluminense, por 1 a 1, que significou o título de campeão da Liga Carioca ao “Tricolor das Laranjeiras” daquele ano. Logo, Barroso transferiu-se para a Rádio Tupi, onde também atuou na televisão, anos mais tarde. O narrador pode ser considerado não apenas importante na história da locução esportiva carioca e brasileira. Barroso é um ícone cultural do país. Além de jornalista, foi compositor de teatro e da música popular. Compôs, por exemplo, *Aquarela do Brasil* (1939).

Segundo Guerra (2006, p. 24), em 1938, “já não se admitia a possibilidade do torcedor ficar sem a cobertura do rádio”. E foi, justamente no final de década de 1930, que dois narradores marcaram época. Oduvaldo Cozzi começou em 1933, atuando na Rádio Ipanema, tendo passagens pelas rádios Cosmos, Transmissora e Nacional. Nessa última, em 1938, tornou-se diretor executivo. Pela Rádio Gaúcha, foi responsável por introduzir a técnica de narração lance por lance. Contudo, foi além. Na Rádio Mayrink Veiga, uma das principais emissoras da carreira, conforme Guerra (2006, p. 27), “foi o primeiro a colocar repórteres em diferentes campos, informando o andamento de outras partidas, mas sem a preocupação vocal destes repórteres”. Segundo

Gonçalves (2012, p. 232), "sua voz era lenta e apresentava um vocabulário que o tornou um dos locutores mais líricos do rádio brasileiro".

Integrante da segunda escola, de Amador Santos, em 1936, Geraldo José de Almeida iniciava sua carreira no rádio. Em 1938, já fazia parte da Rádio Record, onde efetivou sua carreira no esporte. Começou com apenas 17 anos, após ser aprovado em um concurso. Foi reconhecido pelo grande entusiasmo no seu estilo de narração e também por ter criado uma série de bordões. É dele, por exemplo, o apelido "Seleção Canarinho", dedicado à Seleção Brasileira. É dono de expressões como: "Lindo, Lindo, Lindo!", "Mata no peito e baixa na terra" e "o que é isso, minha gente?".

Em 1938, aconteceu a primeira transmissão esportiva em rede internacional, da Copa da França, que contou com as emissoras Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro, Cruzeiro do Sul, de São Paulo e Rádio Clube, de Santos, comandadas pela Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro. Leonardo Gagliano Neto, destaca Tavares (2012, p. 414), foi "o autor dessa façanha". O dia 5 de junho de 1938, aponta Guerra (2006), é um marco na transmissão esportiva brasileira, pois, pela primeira vez, foi irradiada uma partida da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, com vitória por 6 a 5 diante da Polônia.

De acordo com Couto (2017), a partir dos anos 1940, a crônica esportiva popularizou-se no Rio de Janeiro e atingiu seu ápice nos anos 1950. Couto acrescenta que o rádio proporcionou um impacto emocional aos ouvintes e ultrapassou o caráter meramente informativo. O meio tornou-se um "elemento importante na vida do carioca e do brasileiro, tendo o esporte como um dos fatores decisivos nesta relação entre veículo e indivíduo" (COUTO, 2017, p. 513).

Quanto ao período desbravador, caberia destacar, ainda, uma série de importantes nomes fundamentais para a trajetória inicial da narração. Podem ser citados Pedro Luiz, considerado um dos mais importantes narradores do rádio paulista, devido à sua técnica e profissionalismo. Cândido Norberto, que,

em 1949, realizou a primeira transmissão internacional pelo rádio do Rio Grande do Sul. Das coberturas de Copas do Mundo, no final do período desbravador, o mundial de 1950, sem dúvidas, ficou marcado pela derrota do Brasil, em pleno Maracanã, para o Uruguai. E daquele torneio notabilizaram-se, ainda, narradores pelo Rio de Janeiro como Luiz Mendes e Waldir Amaral, da Rádio Globo, Jorge Curi e Antonio Cordeiro, pela Rádio Nacional, e também não se pode esquecer de Rebello Júnior, “homem do gol inconfundível”, e do narrador Édson Leite.

Período Paradigmático

Um dos primeiros representantes do período paradigmático também foi um desbravador. “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”. Essa é a frase mais conhecida da trajetória de Fiori Gigliotti³, narrador que virou uma lenda da narração esportiva no rádio do Brasil. Iniciou a carreira em 1947 e, em 1952, atuou na Rádio Bandeirantes. Popularizou-se pelo seu estilo descritivo, mas, essencialmente, emotivo, “ao lado de seu ‘famoso escrete do rádio’” (SCHINNER, 2004, p. 44). Gigliotti foi um dos pioneiros a tratar a narração como uma “obra de arte”. Incorporou frases do tipo “e o tempo passa”, “aguenta coração”, “torcida brasileira”, “crepúsculo do jogo”, “balão subindo, balão descendo”, entre outras.

Outro narrador paradigmático é José Carlos Araújo, o “Garotinho”, responsável por uma importante mudança estrutural na forma das transmissões esportivas no rádio brasileiro. Introduziu o conceito de “futebol show”, no qual havia aplicava um estilo de irradiação com a “bola rolando efetivamente -, com o pré-jogo, os 90 minutos de partida e o pós-jogo. Essa atitude levou à mudança na nomenclatura do evento, que passou a ser chamado de jornada esportiva” (MADUREIRA, 2016, p. 64). Formado em Geografia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi professor ao longo de 14 anos. Para Schinner (2004, p. 2019), o “Garotinho” consagrou-

³ Faleceu em 2006, aos 77 anos.

se no rádio carioca, no mesmo período enquanto, em São Paulo, Osmar Santos conquistava grande prestígio, nos anos 1970. “Ambos abusavam de vinhetas, trilhas e músicas, bem como de pessoas que participavam direta ou indiretamente das transmissões” (SCHINNER, 2004, p. 52). Após uma série de experiências na carreira, atualmente, aos 79 anos, segue narrando pela Super Rádio Tupi.

São Paulo também possuía o seu próprio “Garotinho”, neste caso, Osmar Santos⁴, de acordo com Schinner (2004), conhecido como “pai da matéria”. Para Schinner (2004, p. 45), Osmar Santos poderia ser “talvez a última grande marca inovadora do rádio”. É considerado no meio esportivo como o maior narrador da história do rádio brasileiro. “Um dos gênios da narração esportiva de todos os tempos. Preciso, dicção perfeita, agilidade e perfeição nos lances, jogadas, a cada passe, lançamento e gol” (CHAMMAS, NUNES e OLIVEIRA, 2012, p. 317). Além dos diversos bordões e frases clássicas como “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha”, “parou por que, por que parou?”, “vai garotinho porque o placar não é seu”, Santos também criou personagens como o “Animal”, dedicado ao jogador Edmundo, atleta que se destacou com as camisas de Palmeiras e Vasco da Gama, reconhecido, também, pelo temperamento forte. Seu grito de gol foi uma verdadeira marca registrada: “E que goooooo!”.

Não só de narradores foi constituída a fase paradigmática, mas também de, pelo menos, uma fundamental representante feminina da locução. Zuleide Ranieri⁵, em 1971, comandou a primeira equipe esportiva exclusivamente feminina, pela Rádio Mulher. Segundo Mendonça, um dos *slogans* da emissora dizia “a cada mulher no estádio, um palavrão a menos”. Foi um período em que o futebol ainda era um esporte ligado, predominantemente, ao sexo masculino e, por isso, havia uma série de dificuldades e preconceitos, oriundos

⁴ Em 1994, em decorrência de grave acidente automobilístico, Santos sofreu uma série de sequelas que afetaram a sua capacidade de expressão vocal.

⁵ Faleceu em 2016, aos 70 anos, em decorrência de um infarto.

das arquibancadas. De qualquer forma, Ranieri entrou para a história como a primeira narradora esportiva feminina e uma das pioneiras em âmbito mundial.

Além dos narradores citados, uma gama consideravelmente alta de qualificados locutores marcaram época entre as décadas de 1960 e 1990 no rádio do Brasil. Podem ser destacados profissionais como Pedro Carneiro Pereira⁶, considerado o melhor de todos os tempos do Rio Grande do Sul, Haroldo de Souza, que levou a Porto Alegre uma série de influências e estilos de narrar do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com uma locução repleta de bordões, Armindo Antônio Ranzolin, narrador extremamente técnico e que coordenou equipes das rádios Guaíba e Gaúcha, Luiz Alberto Penido, o “Garotão da Galera”, também dono de uma série de figuras de linguagem, com grande destaque por emissoras do Rio de Janeiro, Doalcei Benetido Bueno, um narrador de muita técnica e formador de grandes equipes esportivas e José Silvério, o “pai do gol”.

No período paradigmático popularizou-se, ainda, a narração identificada, especialmente em Belo Horizonte, algo que persiste até a atualidade. Alberto Rodrigues, conhecido como “Vibrante”, por exemplo, é o narrador que está há mais tempo atuando no rádio da capital mineira. Iniciou sua carreira em 1961, na Itatiaia. Narrou pela Inconfidência durante 10 anos, mas retornou à Itatiaia, onde aplica os relatos dedicados à torcida do Cruzeiro. Já Willy Fritz Gonser⁷ foi um dos maiores narradores do rádio mineiro e, para Guiotti (2014, p. 419), “escreveu com uma bela voz uma das mais completas carreiras da imprensa brasileira”. Conforme o autor (2014, p. 420), a história do Atlético-MG não poderia “ser contada sem a presença do cronista que mais se identificou com o time de Reinaldo, Cerezo, Éder e de inúmeros garotos que cresceram ouvindo gritar ‘é gol do Galooooooooo’”. Minas Gerais também consagrou nomes como Vilivaldo Alves e Jota Júnior.

⁶ Faleceu tragicamente, em 1973, durante acidente automobilístico no autódromo de Tarumã, no Rio Grande do Sul.

⁷ Faleceu em 22 de agosto de 2017, aos 80 anos.

Além dos avanços tecnológicos, com a melhoria da qualidade de captação dos microfones, com a evolução de aparelhos reprodutores, gravadores e estrutura técnica e externa nos estádios e apesar da forte e gradativa influência da televisão, o rádio continuou amplamente inserido e popular entre as camadas sociais do país. A transmissão esportiva já havia se tornado parte da cultura do futebol, acompanhando os ouvintes dentro e fora das arquibancadas. Foi uma fase de produção e criação de vinhetas e a consagração de bordões. Tecnicamente, a narração, de uma forma geral, também atingiu sua forma mais acentuada na descrição dos detalhes, da visão periférica e da velocidade dos relatos, efetuando-se, assim, como um espetáculo.

Período Contemporâneo

Por fim, este artigo chega ao período contemporâneo, compreendido entre o final do século 20 e a atualidade. Muitos narradores que se tornaram paradigmáticos, continuam desempenhando a função, como Haroldo de Souza, que atua pela Rádio Grenal, e o citado José Carlos Araújo, pela Super Rádio Tupi, apesar do perceptível desgaste natural de suas respectivas capacidades vocais.

Em pesquisa cartográfica no Rio de Janeiro produzida por Madureira e Kischinhevsky (2015), os autores alertam que, em tempos de convergência, ainda não se descobriram novas fórmulas de se produzir algo novo, principalmente no que concerne à programação e a narração esportiva que repete fórmulas do passado. Ainda assim, Madureira (2016) ressalta que jovens e experientes profissionais, influenciados pelos personagens referidos, continuam levando as emoções do esporte aos ouvintes cariocas, tais como: Edílson Silva, Evaldo José e Rodrigo Campos, da Band News FM, Maurício Moreira, da Super Rádio Brasil, Ruy Fernando, pela Rádio Nacional, Rodrigo Campos e Bruno Cantarelli, na Transamérica.

Mesmo com a dificuldade em se criar o “algo novo”, há narradores do período contemporâneo que alcançaram grande prestígio e audiência. É o caso de Mário Henrique “Caixa”, um dos principais nomes do rádio mineiro da atualidade. Um de seus bordões mais conhecidos é o termo “caixa!”, que utiliza durante os gritos de gols nas transmissões. “Caixa” assumiu como narrador titular dos duelos do Atlético-MG em 2009, assim que Willy Gonser deixou a função. Diante da sua popularidade, “Caixa” elegeu-se deputado estadual e secretário de Estado e Turismo.

O rádio precisou se adaptar às novas tendências tecnológicas, assim como a narração. Considerando Ferraretto (2012, p. 17), a introdução da telefonia celular e internet “vai fazer com que se conforme uma nova fase histórica em termos de rádio, na qual influenciam também novos modos de acesso à informação e de relacionamento derivados dessas duas tecnologias”. Mesmo assim, nesta fase de convergência, o autor defende que o rádio mantém certas características:

(1) a possibilidade de recepção da informação enquanto o indivíduo realiza outra atividade; e (2) a capacidade do meio atuar como uma espécie de companheiro virtual, com cada integrante do público recebendo a mensagem como se fosse o único destinatário desta (FERRARETTO, 2012, p. 19).

Em tempos de multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) e de portabilidade (KISCHINHEVSKY, 2008), os narradores não transmitem mais apenas pelas ondas hertzianas de amplitude modulada ou frequência modulada. Agora, são várias possibilidades que estão sendo exploradas pelos meios de comunicação. Além das irradiações por *streaming*, emissoras estão retransmitindo as partidas através de páginas identificadas pelo Facebook ou *Youtube*, sincronizando o som da jornada com um plano de imagens dos profissionais presentes nas cabines dos estádios ou nos estúdios, quando ocorrem via *off-tube*. Não que o uso de tecnologias para esses fins seja uma novidade. Já na Copa de Inglaterra, em 1966, o recurso do “tubo” era utilizado. Em tempos de convergência, a função da narração também está acompanhando novas tendências de mercado. Seguindo a lógica da ampliação

do jornalismo multimídia e multitarefa no Brasil (BERTOLINI, 2017), em 2017, o Grupo RBS anunciou a fusão dos portais da Rádio Gaúcha e do Jornal Zero no site GaúchaZH. Dois anos antes, havia sido inaugurada a “era dos jornalistas que narram”, pela Rádio Gaúcha, onde a locução vem, atualmente, tornando-se uma atribuição.

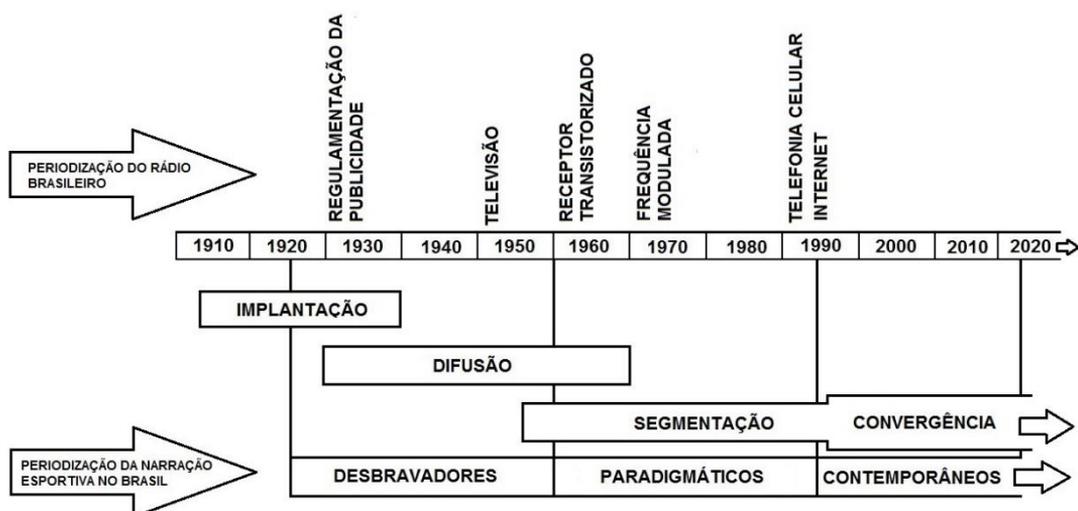
Por fim, ainda há dois fatores a serem destacados no período contemporâneo da narração no Brasil. Primeiramente é quanto ao retorno do caráter associativo, segundo Ferraretto. Está cada vez mais acessível a elaboração de emissoras de *web* rádios identificadas ou não com os clubes de futebol, que vêm se tornando opções na “batalha” pela audiência. São emissoras que, em grande parte dos casos, os próprios colaboradores, como se sócios fossem, bancam despesas técnicas e de deslocamento para compromissos. E, aos poucos, as mulheres estão sendo reinseridas no universo da narração. Em 2017, Isabelly Moraes tornou-se a primeira mulher a narrar futebol em Minas Gerais, pela Rádio Inconfidência. Mais recentemente, no Rio Grande do Sul, em 2019, Valéria Possamai narrou um duelo entre as equipes femininas de Grêmio e Internacional, pela Rádio Grenal.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscou-se validar um modelo de linha do tempo da narração esportiva no rádio brasileiro. A figura⁸ a seguir aplica, cronologicamente, os períodos *desbravador*, *paradigmático* e *contemporâneo* ao esquema de periodização do rádio brasileiro elaborado por Ferraretto (2012).

Figura 1 – Modelo de periodização da narração de futebol no âmbito do rádio brasileiro

⁸ Nesta figura, foi mantida grande parte da elaboração gráfica de periodização do rádio brasileiro, proposta por Ferraretto (2012), acrescido dos períodos correspondentes à narração apresentados por este autor (2020).



Fonte: Modelo elaborado por Ferraretto (2012) e adaptado por Götz (2020).

A fase dos narradores desbravadores aconteceu entre o período de implantação, difusão e segmentação do rádio, que teve como pontos de corte, segundo Ferraretto (2012), a regulamentação da publicidade e o advento da televisão.

Caracterizou-se por um período em que, no princípio, o narrador era a figura central das transmissões. Aos poucos, houve a introdução de outros componentes como comentaristas e repórteres. Tratou-se, também, de um momento de evolução tecnológica e de gradativo investimento publicitário, principalmente no futebol, que muito antes das irradiações já era um esporte popular. Como destacado, o processo de narração iniciou de forma improvisada, mas, foram sendo desenvolvidas diferentes técnicas que seguem vigentes na atualidade.

O período paradigmático, por sua vez, pode ser considerado o ápice da técnica e da criatividade dos narradores brasileiros. Concentra-se, segundo Ferraretto (2012), entre as fases de difusão, segmentação e princípio da convergência, tendo como pontos de corte a introdução de receptores transistorizados, que fez do rádio um “companheiro” dos ouvintes nos estádios, a partir dos anos 1960. Destaca-se a ampliação do espectro do meio para a frequência modulada (FM), o que melhorou indiscutivelmente a

qualidade de som transmitido e captado, e a introdução da telefonia celular e internet. Desta fase, foram consagrados nomes que, até hoje, são considerados insuperáveis, como Osmar Santos e Fiori Gigliotti.

Já o período contemporâneo está integrado entre as fases de segmentação e convergência do meio. Trata-se de um período onde as receitas do passado, no que concerne às técnicas de narração, são repetidas conforme estratégias consagradas. Não se percebe uma evolução que acompanhe o desenvolvimento tecnológico dos anos seguintes, a partir da metade da primeira década do século 21. Há, de fato, narradores que mantêm um grande índice de popularidade, muito em razão do frequente uso e relacionamento pelas redes sociais. No período contemporâneo, a narração de rádio acontece também mediante plataformas diferenciadas e, atualmente, o celular tomou o posto de “companheiro dos torcedores”.

Pesquisar a narração esportiva no rádio do Brasil é um desafio constante e segue em aberto. Este artigo deixou uma série de lacunas, principalmente sobre a descrição da locução em outras regiões do país. Não seria possível traçar toda a história neste espaço limitado. Procurou-se, no entanto, propor uma periodização que permita uma organização temporal mais efetiva e adequada para futuras observações. Nesta reflexão, tem-se a certeza de que o assunto não está esgotado. Necessita-se, mais do que nunca, projetar novas possibilidades, identificar problemas e reconstruir a história, sempre que possível.

Referências

- 5º Campeonato Brasileiro de Futebol. **A Gazeta**. São Paulo, 12 nov. 1927. In: Acervo Digital Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763900&pasta=ano%201928&pesq=>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- 8º Campeonato Brasileiro de Foot-ball: o grande embate de hoje. **Jornal do Recife**. Recife, 12 jul. 1931. In: Acervo Digital Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201938&pesq=>. Acesso em: 18 dez. 2019.

- ALTINO, Ana Lúcia. Depoimento concedido ao autor. (WhatsApp). Rivera, 2020.
- BERTOLINI, Jeferson. **Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo**. Animus. Santa Maria, v. 38, n. 31, p. 213-228, 2017.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Mercado brasileiro de televisão**. Aracaju: Programa Editorial da Universidade Federal de Sergipe, 1988.
- BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta**. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo, n. 31, p. 9-34, 1999.
- BRITTOS, Valério Cruz. **O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta**. Verso & Reverso, São Leopoldo, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.
- CADENA, Nelson. **História**. Rádio Sociedade da Bahia, Salvador, 18 fev. 2010. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100218130723/http://www.radiosociedadeam.com.br/capa/historia.aspx>. Acesso em: 9 dez. 2019.
- CABRAL, Sérgio. **No tempo de Ary Barroso**. São Paulo: Lazuli, 2016.
- CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CHAMMAS, Alberto, NUNES, Mônica Rebecca Ferrari, OLIVEIRA, Letícia Carneiro Mottola de, Nicolau Tuma. In: PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 314-316.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. Manchete Esportiva e sua primeira fase (1955-1959): Diálogo entre Imagens e Crônicas Modernas. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 2012, Rio de Janeiro. **Anais... XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**. Rio de Janeiro: FFP/UERJ, 2012. p. 1-11.
- CAYMMI, Stella Teresa Aponte. **O que é que a baiana tem? Dorival Caymmi na Era do Rádio**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, PUC-Rio, 2010.
- COM equipe composta somente por mulheres, Rádio Grenal transmite Grenal feminino. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 19 set. 2019. Disponível em: <<https://www.coletiva.net/comunicacao/com-equipe-composta-somente-por-mulheres-radio-grenal-transmite-grenal-feminino,320242.jhtml>>. Acesso em 1 mar. 2020.
- DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Porto Alegre. 2002. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- DUVAL, Adriana Ruschel. Ernani Ruschel. In: PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 245-247.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40):** dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil.** Revista Eptic. Sergipe, v. 14, n. 2, p. 1-24, mai/ago. 2012.

GONÇALVES, Douglas. Oduvaldo Cozzi. *In:* PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2012. p. 232-233.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Narradores de Futebol, dos Desbravadores aos Contemporâneos.** Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015). 2015. 296 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV - O jogo da narração:** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. **O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre:** uma proposta de periodização histórica. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 7, n. 1, p. 178-194, jan/jun. 2018.

GUIOTTI, Marcos. Willy Gonser. *In:* PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo mineiro.** Florianópolis: Insular, 2014. p. 419-420.

HELLER, Agnes. **Teoría de la historia.** México: Fontamara, 1997.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade e novas sociabilidades em mídia sonora – Reflexões sobre os usos contemporâneos do rádio.** *In:* Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação. 31º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 15f. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. Natal, 5 set. 2008.

MADUREIRA, Paulo Sérgio de Jesus. **Panorama da narração radiofônica de futebol na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no início do século XXI.** 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGCom/Uerj, Rio de Janeiro, 2016.

MENDONÇA, Renata. Demoramos, mas chegamos: o 1º jogo da seleção narrado por uma mulher. **UOL**, Brasil, 17 jun. 2018. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/17/demoramos-mas-chegamos-o-1o-jogo-da-selecao-narrado-por-uma-mulher/>>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

- MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.
- MOSCO, Vincent. **The political economy of communications: rethinking and renewal.** Londres: Sage, 1996.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira.** Letra. Imagen. Sonido, v. 15, n. 1, p. 147-165. 2016.
- MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio – Fragmentos do Rádio de Ontem e de Hoje.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.
- PHAELANTE, Renato. **Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco.** Recife: CEPE, 1998.
- PRATA, Nair; SANTOS, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2014.
- RAMIRES, Lídia; FERRO, Ricardo José Oliveira. Haroldo Miranda. In: PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2012. p. 33.
- SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão.** São Paulo: Panda, 2004.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O rádio Esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994.
- STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo.** São Paulo: Paulus, 2014.
- VALENÇA, Suetônio Soares. **Tra-la-lá: vida e obra de Lamartine Babo.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2014.

